



Vol. 15, nº 2, (2018)

**(DIS)JUNÇÃO DO SER E DA AÇÃO EM MEMÓRIAS DO SUBSOLO,  
DE FIODOR DOSTOIEVSKI**

\*\*\*

**(DIS) JUNCTION OF BEING AND ACTION IN MEMORIES OF  
THE UNDERGROUND OF FIODOR DOSTOIEVSKI**

Dagoberto Rosa de Jesus<sup>1</sup>  
Elisabeth Battista<sup>2</sup>

**Recebimento do texto:** 20/09/2018

**Data de aceite:** 25/10/2018

**RESUMO:** O presente artigo se insere no contexto da disciplina História e teoria da narrativa, tem por objetivo fazer uma reflexão a respeito do romance enquanto gênero com suas idiossincrasias, o fim do herói no sentido clássico, a presença do hibridismo e o embricamento dos gêneros clássicos na configuração do romance moderno. Para isso elegemos o romance “*Memórias de Subsolo*” (1864) de Fiódor Dostoiévski, buscamos destacar aspectos deste romance em que o autor concebe um narrador e protagonista que faz uma trajetória moral, psicológica, filosófica e existencial. Procuramos fazer apontamentos que destaquem características deste personagem, suas relações com os temas caros aos homens nas suas relações com os outros e com a sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrador; Romance; Memórias; Dostoiévski.

**ABSTRACT:** This article is part of the discipline History and narrative theory, aiming to reflect on the novel as a genre with its idiosyncrasies, the end of the hero in the classical sense, the presence of hybridism and the classification of classical genres in the setting of the modern novel. For this we chose the novel "Memories of Underground" (1864) by Fiódor Dostoiévski, we sought to highlight aspects of this novel in which the author conceives a narrator and protagonist who makes a moral, psychological, philosophical and existential trajectory. We seek to make notes that highlight the characteristics of this character, his relationships with themes dear to men in their relations with others and with society.

**KEYWORDS:** Narrator; Romance; Memoirs; Dostoiévski.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação – Mestrado e Doutorado – em Estudos Literários – PPGEL da UNEMAT – Câmpus Universitário de Tangará da Serra.

<sup>2</sup> Docente e pesquisadora lotada na Faculdade de Educação e Linguagem – FACEL da UNEMAT, Câmpus de Cáceres. Atua no Programa de Pós-graduação – Mestrado e Doutorado – em Estudos Literários – PPGEL da UNEMAT – Câmpus Universitário de Tangará da Serra.



## Introdução

O presente artigo se insere no contexto da disciplina História e teoria da narrativa, nesta senda, conduzindo nosso pensar pelas veredas literárias, assistimos o declínio e a morte do herói clássico, no romance, na companhia de cavaleiros andantes, mulheres apaixonadas e donas de seus viveres, homens que vivem no subsolo e produzem anotações, entre tantos outros viventes de papel. Neste caminho fomos de Cervantes a Machado de Assis fazendo uma reflexão a respeito do romance enquanto gênero com suas idiossincrasias.

Nossa jornada iniciou-se no texto de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote* (1605), discutimos alguns aspectos do romance enquanto gênero; o fim do herói no sentido clássico, a presença do hibridismo e o embricamento dos gêneros clássicos na configuração do romance moderno. No romance tudo cabe: o soneto, a carta, o testamento, o bilhete, a fotografia e etc. Nesta perspectiva se estabelece como um gênero aberto ao hibridismo. Também cabe um efeito de perspectiva e de fragmentação, o mundo não é mais único como na epopeia, ele pode ser contemplado pelos olhos do bufão, Sancho Pança, ou pelo olhar do sonhador, *Dom Quixote*.

Embora a figura do cavaleiro andante se apresente de forma imperativa nestas primeiras linhas não é dela que buscaremos falar neste trabalho, para além da obra de Cervantes durante estes estudos tivemos a oportunidade de pensar, ler, refletir a cerca de tantos outros romances caros a literatura universal. Cabe ressaltar que fazer este caminho por si só já representa um trabalho prazeroso, embora hercúleo, mas tivemos a sorte de fazer este trajeto guiado por um fio de Ariadne. Foi assim que vencemos os



moinhos de ventos, que caminhamos pelas alas do castelo em *Afinidades eletivas*, acompanhamos os encontros de Ema Bovary, constatamos as negativas de Brás Cubas, compartilhamos as angústias de um *homem no subsolo*.

Isto posto, neste trabalho pretendemos pensar em um desses romances estudados: “*Memórias de Subsolo*” de Fiódor Dostoievski. O que buscaremos aqui é refletir a respeito de alguns aspectos deste romance escrito no ano de 1864, quando o autor tinha quarenta e três anos de idade. Como veremos posteriormente a vida do autor foi marcada por tribulações, um exemplo disso é que enquanto escrevias as “*Memórias de subsolo*” sua mulher sofria com uma tuberculose que a levou a morte. Este entre tantos outros fatos, marcam a sua vida, e por que não dizer, a obra do escritor russo que tem encantado gerações com seu narrar que parece dissecar os mais profundos confins da alma humana. Neste romance, o autor concebe um narrador e protagonista em primeira pessoa que faz uma trajetória moral, psicológica, filosófica e existencial. Procuramos fazer apontamentos que destaquem características deste personagem, suas relações com os temas caros aos homens nas suas relações com os outros e com a sociedade. Dito de outra forma, como o homem do subsolo de Dostoievski percebe a ciência do ser, a doutrina do humano, a ontologia.

### **O Filho do Médico e o Médico**

Fiodor Dostoievski, filho de médico, nasceu em Moscou no ano de 1821, onde viveu sua primeira infância, até aproximadamente os sete anos. Seu pai trabalhava em um hospital que atendia aos pobres. O que fez com que o escritor de *Gente pobre* (1846) convivesse desde cedo com a escassez e com as mazelas humanas. Isso no contexto da Rússia de meados do século XIX.



Com a morte precoce da mãe em decorrência de tuberculose, foi enviado para a escola de engenharia em São Petersburgo. Dois anos depois, morre seu pai, Dostoievski se culpa por ter desejado a morte do pai. Esse dado biográfico do autor foi estudado, em sua obra, por Sigmund Freud, no famoso artigo “Dostoievski e o parricídio” de 1828.

Com uma biografia rica em sofrimentos, traumas e dores, Dostoievski produz uma literatura que permanece através dos tempos e tem na sondagem da alma humana o seu maior valor. Ao entrar nas páginas de “Memórias de sobsolo” somos aprisionados em um labirinto escuro, a partir daí somos conduzidos, como cegos, por um guia amargo e rancoroso.

Erza Pound afirma, em seu “*ABC da Literatura*” (2006), que não há literatura no vácuo. Sabendo um pouco sobre a biografia de Dostoievski, o leitor mais afoito pode, a partir da afirmativa de Pound, de forma simplista, atribuir a qualidade e a densidade dos personagens à sua biografia. Certamente as vivências do autor, em uma certa medida, podem refletir na obra, não quero incorrer aqui no erro de buscar estabelecer uma relação direta entre vida e obra. Visto se tratar da arte literária, nesta corroboram não apenas o dito, mas o como é dito. O labor com o verbo, neste o escritor russo constrói mundos que certamente transcendem sua experiência biográfica. Posto que o literário se resinifica a cada leitura e releitura.

Nesta senda, acontecimento que vale nota é o fato de em abril de 1849, por conta de seu engajamento político Dostoievski é preso e condenado. Em novembro do mesmo ano, foi sentenciado a morte. No dia 22 de dezembro chegou a ser levado ao pátio para ser fuzilado, mas na última hora teve a pena de morte substituída por quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria. Certamente uma experiência tão forte assim deixa marcas.



Não podemos reduzir um autor ao seu contexto, ou à bibliografia, na medida em que sua grandeza se faz porque em este autor consegue romper com esta barreira do tempo e do espaço e sobrepor sobre dias e eras, configura-se assim como um clássico. No dizer de Calvino.

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. (CALVINO, 2007, p.10)

Ou ainda

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). [...] Lendo Kafka, não posso deixar de comprovar ou de rechaçar a legitimidade do adjetivo kafkiano, que costumamos ouvir a cada quinze minutos, aplicado dentro e fora de contexto. Se leio Pais e filhos de Turguêniev ou Os possuídos de Dostoievski não posso deixar de pensar em como essas personagens continuaram a reencarnar-se até nossos dias. (CALVINO, 2007, p.12)

O trabalho de Dostoievski teve e tem ressonância que transcende o campo literário, perpassa os dias e as épocas, influencia gerações de pensadores, escritores, cientistas etc. Ao ler “Memórias de sob solo” o leitor desavisado pode muito bem pensar que Dostoievski foi leitor de Freud e de Kafka, por exemplo. Posto que este parece apresentar reflexões que só ganharam notoriedade com os segundos. Porém, o médico neurologista, pai da psicanálise, nasceu em 6 de maio de 1856, na República Checa. Kafka em 3 de julho de 1883, também na República Checa. Certamente leitores do filho do médico nascido 11 de novembro de 1821, Moscou, Rússia: Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski.



## O homem do subsolo

*Quem o homem do subsolo acredita ser?*

Nos primeiros meses de 1864, enquanto sua mulher sofria com uma tuberculose que lhe seria fatal, Dostoiévski escrevia “Memórias de subsolo”. O livro conta a história de um aposentado sem nome que se mostra voltado a si e aos seus pensamentos, num monólogo interior em que purga toda sua solidão.

O romance é dividido em duas partes, a primeira parte que se subdivide em onze capítulos. Nestes o narrador se apresenta de forma nua e crua. Em uma espécie de monólogo, um fluxo de consciência em que o narrador conta a sua vida no subsolo, tece uma autoimagem, fala de sua condição e faz reflexões sobre a sociedades e sua relação com ela. Faz comentários sobre si, sua personalidade, ideias, fazendo uma autoanálise, expondo uma psique conturbada.

Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado. Aliás, não entendo níquel da minha doença e não sei, ao certo, do que estou sofrendo. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os médicos. Ademais, sou supersticioso ao extremo; bem, ao menos o bastante para respeitar a medicina. (Sou suficientemente instruído para não ter nenhuma superstição, mas sou supersticioso.) Não, se não quero me tratar, é apenas de raiva. Certamente não compreendeis isto. Ora, eu compreendo. Naturalmente não vos saberei explicar a quem exatamente farei mal, no presente caso, com a minha raiva; sei muito bem que não estarei a “pregar peças” nos médicos pelo fato de não me tratar com eles; sou o primeiro a reconhecer que, com tudo isto, só me prejudicarei a mim mesmo e a mais ninguém. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.10)

Notamos que o protagonista tem uma consciência de si e de certa forma parece escolher sua condição, atende a um capricho de não ceder a



medicina mesmo pagando com a dor e o sofrimento, orgulha-se do seu grau de instrução, de sua inteligência. Nota-se neste fragmento também que a todo momento o narrador se refere a um possível interlocutor (*Certamente não compreendeis isto*) com quem reafirma seus argumentos e ideias, para logo em seguida contradizê-las, ou rechaçá-las. Acabamos por apreender um pouco das impressões deste narrador a partir das relações que estabelece com este interlocutor, ou interlocutores, “entre este temos uma relação dialógica com o narrador.” A constituição deste homem do subsolo se dá por estas relações dialógicas, entendidas aqui no sentido que atribuiu Mikael Bahktin.

Quando essas reflexões que nos são apresentadas na primeira parte do livro, sob o título de “O subsolo”, o narrador está com quarenta anos. No fragmento em que ele nos dá esta informação, mostra o seu descontentamento com a vida e a sociedade. Segundo o narrador, em ambos o lugar para o homem inteligente e reflexivo é extremamente reduzido, só tendo espaço para um tipo de homem menor, os imbecis.

Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha nem honrado nem herói nem inseto. Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com o consolo raivoso — que para nada serve — de que um homem inteligente não pode, a sério, tornar-se algo, e de que somente os imbecis o conseguem. Sim, um homem inteligente do século dezenove precisa e está moralmente obrigado a ser uma criatura eminentemente sem caráter; e uma pessoa de caráter, de ação, deve ser sobretudo limitada. Esta é a convicção dos meus quarenta anos. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.15)

Observamos também está condição de limitação do homem do subsolo, cabendo a ele, homem inteligente do século XIX ser condenado ao seu canto, ao subsolo. Cultiva assim uma raiva que para nada serve. Porém esse lugar que muitas vezes o narrador diz terrível e incomodo parece lhe bastar, ora como um fardo que carrega de forma resignada, ora como uma



opção consciente. Cabe ressaltar que a argumentação do narrador não obedece um esquema dialético em que há uma tese, uma antítese que resultam em uma síntese, numa estrutura fechada. Seu pensamento é dialógico, é em sua argumentação percebemos uma profusão de vozes. O binômio bem e mal não é suficiente. Ao falar de si os binômios não lhe atendem, mau/bom, canalha/honrado, herói/inseto, não consegue chegar a nada. Nem ao não humano; o inseto.

O herói do subsolo tem plena consciência de tudo e compreende perfeitamente o impasse do círculo pelo qual se desenvolve a sua relação com o outro. Graças a essa relação com a consciência do outro, obtém-se um original perpetuum mobile da polêmica interior do herói com o outro e consigo mesmo, um diálogo sem fim no qual uma réplica gera outra, a outra gera uma terceira em movimento perpétuo. (...) Estamos diante de uma precária infinitude de diálogo, que não pode deixar de terminar nem concluir-se. (BAKHTIN, 1981, p. 202).

Neste processo de construir e desconstruir argumentos, o narrador tece o seu solilóquio, nele não poupa nada e ninguém, nem a si mesmo. Ao perguntar, retoricamente, ao seu interlocutor quem vive além dos quarenta anos, ele mesmo responde, os imbecis e os canalhas, assim ele que durante todo o seu narrar afirma ser um homem inteligente, aqui se diz um homem com mais de quarenta anos.

Estou agora com quarenta anos; e quarenta anos são, na realidade, a vida toda; de fato, isso constitui a mais avançada velhice. Viver além dos quarenta é indecente, vulgar, imoral! Quem é que vive além dos quarenta? Respondei-me sincera e honestamente. Vou dizer-vos: os imbecis e os canalhas. Vou dizer isto na cara de todos esses anciões respeitáveis e perfumados, de cabelos argênteos! Vou dizê-lo na cara de todo mundo! Tenho direito de falar assim, porque eu mesmo hei de viver até os sessenta! até os setenta! até os oitenta!... Um momento! Deixai-me tomar fôlego... (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.16)





Embora afirme ter quarenta anos uma idade limítrofe, reafirma o desejo de viver até os oitenta, ignora o fato de que isto é um atributo apenas de canalhas e imbecis. Temos aqui um efeito cômico, ao acabar de dizer que deseja viver até os oitenta, o que denota saúde para tanto, pede um momento para tomar fôlego, o que o contradiz. Mas este riso do leitor dura pouco, logo na sequência o narrador nos coloca novamente no espaço, ou melhor, no ambiente do subsolo. *“Pensais acaso, senhores, que eu queira fazer-vos rir? É um engano. Não sou de modo algum tão alegre como vos parece, ou como vos possa parecer; aliás, se, irritados com toda esta tagarelice...”*

Nesta primeira parte do romance, o narrador parece deslocar apenas pelo espaço da reflexão. Segundo o próprio autor primeiro trecho, intitulado “O subsolo”, personagem se apresenta, explicita seus pontos de vista e como que deseja esclarecer as razões pelas quais apareceu em nosso meio. Na Segunda parte do romance já se encontrarão realmente “memórias” alguns acontecimentos da sua vida.

### **As ações confirmam isso que ele acredita?**

Na segunda parte do livro, o narrador desenvolve algumas ações, estas reduzidas a alguns acontecimentos; estes confirmam o retrato traçado pelo narrador personagem na primeira parte do romance. Se no primeiro bloco é traçado uma imagem do protagonista em que podemos contemplar de forma bem explícita a nudez de sua condição humana, na segunda parte ele mostra como esse homem se desloca dentro do campo das ações, ou da falta delas. Entre estes relatos, três episódios, marcam a vida do homem do subsolo, esses se deram quando ele tinha vinte anos.



Vol. 15, nº 2, (2018)

O primeiro quando ele encontra um oficial numa taberna e este lhe dá um empurrão, este fato que nos parece se corriqueiro, sob a pena de Dostoievski e o olhar do homem do subsolo parecem tomar uma grande dimensão.

Eu estava em pé junto à mesa de bilhar, estorvava a passagem por inadvertência, e ele precisou passar; tomou-me então pelos ombros e, silenciosamente, sem qualquer aviso prévio ou explicação, tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse. Até pancadas eu teria perdoado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse. [...]

O diabo sabe o que não daria eu, naquela ocasião, por uma briga de verdade, mais correta, mais decente, mais — como dizer? literária! Fui tratado como uma mosca. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.63)

Para Todorov, a lógica que alimenta o protagonista e explica todas as suas ações e a dimensão que ele lhes atribui, é a do senhor e do escravo, ou de desprezo e da humilhação.

O homem subterrâneo vive num mundo de três valores: inferior, igual, superior; mas é apenas na aparência que estes formam uma série homogênea. Em primeiro lugar, o termo “igual” só pode existir negado: é da própria natureza da relação senhor-escravo ser exclusiva, não admitir nenhum terceiro termo. Quem aspira a igualdade por isso mesmo prova não há possuir; ser-lhe-á pois atribuído o papel de escravo. Desde que uma pessoa ocupa um dos polos da relação, seu par se vê automaticamente ligado ao outro. (TODOROV, 1980, 141)

Segundo esta leitura o homem do subsolo quer ser igual, na medida em que reivindica este lugar, evidencia o seu espaço de inferioridade em relação ao outro. Isso se dá de forma bem clara neste primeiro e no segundo evento, em que o protagonista encontra antigos colegas de escola, estes colegas se comportam como não se o percebessem. Isso desperta nele o desejo



quase que obsessivo de provar que é um igual. Neste movimento acaba por ficar claro o seu lugar, segundo esta lógica.

Encontrei ali mais dois colegas de escola. Pareciam tratar de um caso importante. Nenhum deles notou a minha chegada, o que era estranho até, pois fazia anos que não nos víamos. Provavelmente, consideravam-me algo semelhante à mais ordinária das moscas. Nem mesmo na escola me haviam tratado daquele modo, embora todos me odiassem lá. Compreendia, naturalmente, que deviam desprezar-me pelo fracasso da minha carreira de funcionário e pelo fato de eu ter decaído muito, de andar mal-trajado etc., o que, aos seus olhos, era um sinal evidente da minha incapacidade e insignificância. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.82)

No terceiro episódio, depois de ir com os amigos a um bordel, ficar bêbado e ser deixado por eles. Acorda num quarto ao lado de uma prostituta, Liza, com quem ele tem um longo diálogo. Deste dialogo após dar conselhos a jovem e orientá-la sobre como ela deve conduzir o seu viver. Deixa a jovem com seu endereço e a impressão de que ficou com uma imagem de superioridade, diante da jovem que se prostituía, e provavelmente via nele um homem superior. Nesta relação com Liza nós podemos ver toda a crueldade e vileza do homem de subsolo.

Eu olhava em torno. Não podia ainda compreender. Maquinalmente, lancei um olhar para a moça que entrara: entrevi um rosto fresco, jovem, um tanto pálido, de sobrancelhas retas, escuras, olhar sério e como que um tanto surpreso. Isto me agradou no mesmo instante; eu a odiaria se ela tivesse sorrido. Pus-me a olhá-la mais fixamente, com certo esforço: ainda não tinha conseguido concentrar meus pensamentos. Havia naquele rosto algo de singelo e bondoso, mas que parecia estranhamente sério. Estou certo de que aquilo a prejudicava ali e que nenhum daqueles imbecis a notara. Aliás, não se poderia chamá-la de beldade, embora fosse de estatura elevada, forte e bem-proporcionada. Vestia-se com extrema simplicidade. Algo mau me mordeu e aproximei-me muito dela... (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.102)



Vol. 15, nº 2, (2018)

Neste encontro, o homem do subsolo assume o lugar do senhor, cabe a Liza o espaço de buscar e se mostrar igual ao protagonista. Na relação com Liza, podemos observar como este protagonista se apresenta vil, se coloca no lugar de senhor. Neste espaço se faz moralista e toma ares de um herói romântico, capaz de salvar a jovem prostituta de sua condição. Parece retomar assim o poema que serve como epigrafe da segunda parte do romance. A propósito da neve molhada.

Quando da treva dos enganos  
Meu verbo cálido e amigo  
Ergueu a tua alma caída,  
E, plena de profunda mágoa,  
Amaldiçoaste, de mãos juntas,  
O vício que te envolvera;  
Quando açoitaste com a lembrança  
A consciência que olvida,  
E me fizeste o relato  
De tudo o que houve antes de mim,  
E, de repente, o rosto oculto,  
Repleta de vergonha e horror,  
Tudo desabafaste: um pranto  
De indignação, de comoção... (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.53)

O poema parece demonstrar um diálogo, ainda que doloroso. A escolha do poema para iniciar a segunda parte do romance conota a importância dada pelo narrador a sua aventura com a jovem Liza. Ela nos parece ter sido uma possibilidade real do homem do subsolo romper com o signo da carência e da solidão.

Ao homem de subsolo cabe a sua solidão, preso ao seu mundo e as suas limitações, ele não considera busca sempre o lugar do oprimido, ainda que o mal diga. O homem não existe sem o olhar do outro, dos outros. Fica a constatação de Schopenhauer, somos o que podemos ser.



## Concluindo - a razão não ilumina o subsolo do homem

Logo na primeira página o autor nos apresenta uma nota, nesta ele apresenta de forma clara a relação entre ficção e realidade, entre literatura e vida social. Paralelo a isso oferece no romance um retrato de um tipo humano, que não se restringe aquele tempo, estão e estarão presentes em tempos presentes e futuros.

Tanto o autor como o texto destas memórias são, naturalmente, imaginários. Todavia, pessoas como o seu autor não só podem, mas devem até existir em nossa sociedade, desde que consideremos as circunstâncias em que, de um modo geral, ela se formou. O que pretendi foi apresentar ao público, de modo mais evidente que o habitual, um dos caracteres de um tempo ainda recente. Trata-se de um dos representantes da geração que vive os seus dias derradeiros. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.10)

Nesta nota, o autor aponta que este personagem, embora seja fictício deve existir na sociedade, destaca também que se deve considerar a circunstâncias em que se formou. Em suas memórias de subsolo, Dostoiévski constrói um texto denso, na primeira parte podemos observar um olhar sobre o mundo e mais obsessivamente um olhar sobre a psique do próprio narrador. Metonimicamente podemos pensar este narrador como partes das gentes daquele tempo, das gentes do nosso tempo.

Ao apontar que *“pessoas como o seu autor não só podem, mas devem até existir em nossa sociedade”* nos rememora as palavras do Italiano Ítalo Calvino em sua fala a respeito de estética e de leveza. Calvino explica que no início de sua carreira como escritor buscava trazer em seu texto um pouco da realidade que o cercava, com todas suas idiossincrasias. Isso atribuía a seu texto um peso muito grande, como se o seu narrar fosse tocado pelo olhar petrificante da Medusa.



Vol. 15, nº 2, (2018)

Quando iniciei minha atividade literária, o dever de representar nossa época era um imperativo categórico para todo jovem escritor. Cheio de boa vontade, buscava identificar-me com a impiedosa energia que move a história de nosso século, mergulhando em seus acontecimentos coletivos e individuais. Buscava alcançar uma sintonia entre o espetáculo movimentado do mundo, ora dramático ora grotesco, e o ritmo interior picaresco e aventuroso que me levava a escrever. Logo me dei conta de que entre os fatos da vida, que deviam ser minha matéria-prima, e um estilo que eu desejava ágil, impetuoso, cortante, havia uma diferença que eu tinha cada vez mais dificuldade em superar. Talvez que só então estivesse descobrindo o pesadume, a inércia, a opacidade do mundo — qualidades que se aderem logo à escrita, quando não encontramos um meio de fugir a elas. Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa. Quando iniciei minha atividade literária, o dever de representar nossa época era um imperativo categórico para todo jovem escritor. Cheio de boa vontade, buscava identificar-me com a impiedosa energia que move a história de nosso século, mergulhando em seus acontecimentos coletivos e individuais. Buscava alcançar uma sintonia entre o espetáculo movimentado do mundo, ora dramático ora grotesco, e o ritmo interior picaresco e aventuroso que me levava a escrever. Logo me dei conta de que entre os fatos da vida, que deviam ser minha matéria-prima, e um estilo que eu desejava ágil, impetuoso, cortante, havia uma diferença que eu tinha cada vez mais dificuldade em superar. Talvez que só então estivesse descobrindo o pesadume, a inércia, a opacidade do mundo — qualidades que se aderem logo à escrita, quando não encontramos um meio de fugir a elas. Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa. (CALVINO, 2003, p27)

Esse peso de que nos diz Calvino, nos parece, permeia todo o Subsolo de Dostoievski, mas neste o peso não surge como um efeito colateral, como em Calvino, mas como uma intenção e consciência de um autor maduro, sabedor de seu engenho.



Nesse narrar em primeira pessoa somos convidados a conhecer este subsolo, o mundo que habita o protagonista. Como um anfitrião a primeira coisa que esse narrador faz é se apresentar, não com seu nome, profissão ou virtude, mas com uma nudez assustadora. Somos seduzidos linha a linha, palavra a palavra num labirinto que mais parece o interior da mente do homem do subsolo, sentimos o pesudume, o hálito e o olhar da Gorgona a nos petrificar. Parte desse efeito petrificante se faz pela densidade da escrita e a complexidade de seus personagens, que se compõem perpassados por um processo dialógico.

Logo nas primeiras orações ele já afirma “Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável.” E a partir daí temos o tom desta primeira parte, um homem que tem no sofrer, no incomodo o seu lugar de vida. Ele vive no subsolo, entendido aqui como um estado de ser.

A tessitura dessas memórias é construída a um narratário, alguém para quem o narrador tem como interlocutor. A este ele se reporta justificando seu narrar, seu ponto de vista, porém o conteúdo de suas memórias muitas vezes, dado a sua crueza e nudez, se avizinha do “infalável”. Dito de outras forma, impressões que só dividimos conosco, temas para um monólogo, ou sendo mais extremos; um solilóquio.

Tenho agora vontade de vos contar, senhores, queirais ouvi-lo ou não, por que não consegui tornar-me sequer um inseto. Vou dizer-vos solenemente que, muitas vezes, quis tornar-me um inseto. Mas nem disso fui digno. Juro-vos, senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa. Para o uso cotidiano, seria mais do que suficiente a consciência humana comum, isto é, a metade, um quarto a menos da porção que cabe a um homem instruído do nosso infeliz século dezenove e que tenha, além disso, a infelicidade de habitar Petersburgo, a cidade mais abstrata e meditativa de todo o globo terrestre. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.14)



O Senhor, vocês, vós são algumas das palavras com que o protagonista se volta ao leitor das suas memórias, não para criar proximidade, como faz um Machado de Assis, mas para estabelecer relações de alteridade, e assim desenhar um pouco de sua identidade, ou identidades. Isto porque, o "eu" na sua forma individual só pode existir através de um contato com o "outro".

Embora o narrador se dirija para um ou mais interlocutores ele faz questão de frisar que estas memórias não têm como objetivo ser escritas para serem lidas. Ele faz questão de afirmar reiteradamente que escreve apenas para atender a si mesmo. Com esta e outras considerações sobre a razão de sua escrita, procuramos concluir.

Mesmo agora, passados tantos anos, tudo isso me vem à memória de modo demasiado mau. Muita coisa lembro agora realmente como um mal, mas... não será melhor encerrar aqui as "Memórias"? Parece-me que cometi um erro começando a escrevê-las. Pelo menos, senti vergonha todo o tempo em que escrevi esta novela: é que isto não é mais literatura, mas um castigo correcional. (2000, p.148).

(...)um romance precisa de herói e, no caso, foram acumulados intencionalmente todos os traços de um anti-herói, e... tudo isto dará uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estávamos desacostumados da vida. (...)Sei que talvez ficareis zangados comigo por causa disto, e gritareis, batendo os pés: 'Fale de si mesmo e das suas misérias no subsolo, mas não se atreva a dizer 'todos nós'. Mas com licença, meus senhores, eu não estou me justificando com este todos. E, no que se refere a mim, apenas levei até o extremo, em minha vida, aquilo que não ousastes levar até a metade sequer, e ainda tomastes a vossa covardia por sensatez... (...) Para nós é pesado, até, ser gente, gente com corpo e sangue autênticos, próprios; temos vergonha disso, consideramos tal fato um opróbrio e procuramos ser uns homens gerais que nunca existiram. (...) Mas chega; não quero mais escrever 'do Subsolo' (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.145 a 147)





Nele o subsolo é o espaço da impotência, da carência, onde o narrador se desnuda em toda sua persona. Ele imprime uma consciência de sua condição limítrofe, preso ao subsolo, e todas as possibilidades pensadas pelo narrador de sair deste espaço fazem com que ele tenha consciência que está fadado a ficar neste lugar. Estamos diante de um narrador que diz escrever apenas a si mesmo, isso seria realmente verdadeiro?

A parte isso, concluímos com o próprio narrador. “*O fim dos fins, meus senhores: o melhor é não fazer nada! O melhor é a inércia consciente! Pois bem, viva o subsolo!*”

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. Tradução e apresentação de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2003.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 18. ed. São Paulo: Ática, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas na poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1981.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2006.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do Subsolo*. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.

FREUD, Sigmund, “Dostoiévski e o parricídio (1928[1927])” in *O Futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*, Rio de Janeiro, Imago. 1996



**Vol. 15, nº 2, (2018)**

POUND, Erza. *ABC da Literatura*, São Paulo: Cultrix, 2006.

TODOROV, Tzvetan. “Notas do subterrâneo”. In: TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

*Este texto é de responsabilidade de seus autores.*